

PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

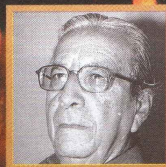


O terreno foi escolhido, a construção iniciada. As visitas de JK ao canteiro de obras eram constantes, mas ainda havia quem duvidasse que a transferência da capital fosse efetivada. A consolidação da cidade como capital foi feita pela determinação de todos que participaram deste sonho. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, o trabalho e o amor dos construtores e primeiros moradores da capital ficam evidentes.

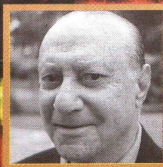
José Santiago
Naud



Milton
Ramos



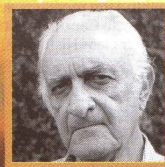
Orlando
Taurisano



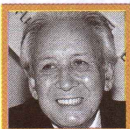
Palmerinda
Donato



Sérgio Lopes
Guimarães



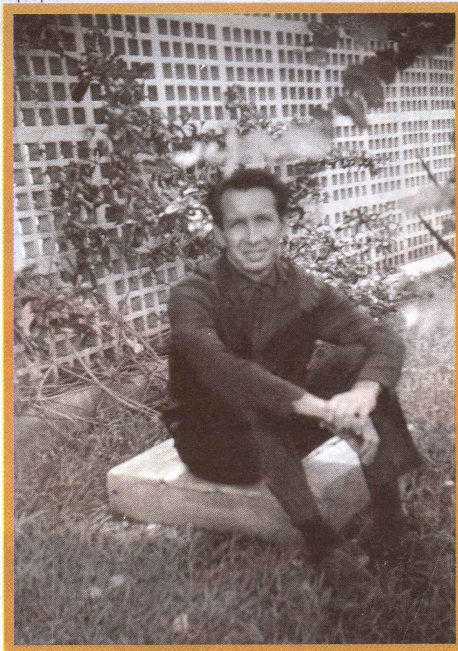
PIONEIROS



José Santiago Naud

Esperança de mudar o ensino no país

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Chegar a Brasília significava mudar o rumo da história da Educação no país. Se a idéia de fazer parte da construção de uma nova capital federal provocava o imaginário de centenas de brasileiros há cerca de 40 anos, participar de uma revolução no ensino nacional era uma oportunidade que o professor gaúcho José Santiago Naud não podia dispensar.

O interesse por conhecer o Brasil, que existia além das fronteiras de seu estado, foi despertado em 1959, numa viagem a Ouro Preto (MG). Na época, Santiago lecionava no Colégio Estadual Júlio de Castilho, e sua esposa, Leda Maria Cardoso Naud, terminava a Faculdade de História, ambos em Porto Alegre. O objetivo da ida à cidade mineira era dar andamento a um programa desenvolvido pelo Centro de Estudos Antropológicos Históricos, fundado por Leda. "Ficamos impressionados com a riqueza histórica de Ouro Preto e as obras de Aleijadinho e percebemos que havia muito o que conhecer além da Região Sul", afirma Santiago.

Na volta para casa, mais um acontecimento instigava o casal a deixar a capital gaúcha. Durante um almoço numa churrascaria, o

caso fez com que os dois presenciassem a passagem de uma caravana que saía de Belém (PA) em direção ao Xuí (RS). O movimento visava chamar a atenção da população para a necessidade de uma maior integração entre as regiões do país. "No mesmo dia, minha esposa, com a intuição característica das mulheres, sugeriu que deixássemos o Rio Grande do

Sul", recorda Naud.

Numa seqüência de coincidências, um anúncio de jornal, publicado na mesma semana, convocava todos os professores interessados a participarem de um concurso público nacional para a escolha de 59 profissionais. Os professores selecionados iniciariam o ensino médio na nova capital, sob coordenação da Comissão

JOSÉ SANTIAGO FOI AFASTADO DO CASEB, DEPOIS DE PARTICIPAR DE UM MOVIMENTO PARA REIVINDICAR MORADIA PARA OS PROFESSORES

Administrativa dos Serviços Educacionais de Brasília (Caseb). Leda, Naud e outros 10 profissionais do Rio Grande do Sul passaram na seleção. O desembarque na capital federal aconteceria em abril de 1960, pouco antes da inauguração da cidade.

A Escola Nova

A fundação da Escola Nova em Brasília significava a possibilidade de promover uma grande reforma no ensino tradicional do país a partir de um modelo bem-sucedido. A idéia era usar todas as pesquisas que o Ministério da Educação realizava anualmente (Inep) e todas as influências pedagógicas como base para o desenvolvimento de uma maneira inovadora de ensinar.

O princípio que norteava todas as ações na escola que se inaugurava em Brasília era a liberdade. A busca pela aprendizagem era algo que deveria ser estimulado nos alunos e não imposto. O professor abandonava o perfil de autoridade e adotava o comportamento de educador, aproximando-se dos estudantes. As classes eram mistas, compostas por meninos e meninas. O idealismo dos professores selecionados para a missão do Caseb mantinha-os unidos e determinados, mas não amenizava as condições pre-

visadas de moradia e trabalho que todos encontravam aqui.

Ao chegarem ao aeroporto, a frase pronunciada por Naud para os colegas que o acompanhavam expressa bem a primeira impressão que a cidade deixava naqueles gaúchos: "Olha aí nossa fazendinha!". O professor diz que o sentimento de todos era de que a cidade seria desbravada por eles, que o trabalho aqui seria construir algo a partir do zero.

Em pouco tempo, ao chegarem às residências preparadas para eles, o pensamento expressado por Naud seria confirmado. Eram duas casas localizadas na 704 Sul. As mulheres do grupo ficariam em uma casa e os homens em outra. Mesmo Leda e Naud, que eram casados, tiveram que viver nos primeiros dias em ambientes separados. Poucos dias depois, os professores foram transferidos para apartamentos de um quarto, nos famosos prédios JK da 411 Sul, que na época eram apelidados ironicamente de "janela e kitchenette".

Os apartamentos eram tão pequenos e o tipo de vida que levavam aqui tão isento de formalidades que as roupas das famílias eram penduradas nos galhos das árvores próximas aos prédios em que moravam. "Tudo era improvisado, parecíamos ciganos", diz

O professor gaúcho veio para Brasília, com a mulher Leda, para trabalhar no Caseb. Lembra até hoje do temporal que caiu na cidade no dia da inauguração do centro de ensino

O CASAL NAUD COM
O FILHO MAIS
NOVO, CRISTÓVÃO,
E AS NETAS
LUDMILA E ELISA,
FILHAS DE MARCOS,
SEU OUTRO FILHO



Arquivo pessoal

Naud, "Mas foram estas dificuldades que nos uniram e criaram laços de grande fraternidade entre as pessoas que viviam em Brasília naquela época", completa.

Lama

No local onde ficava o Caseb (907 Sul, mesmo lugar até hoje), o Centro também era a paisagem que não estava guardado o material de construção para a futura Escola Normal (hoje vizinha ao Caseb), os professores improvisaram as salas para os cursos do Ensino Médio. No prédio do Cas-

seb funcionavam apenas as classes até a 4ª série do Ensino Básico. No dia da inauguração do colégio, em maio de 1960, uma chuva torrencial, comum em Brasília naqueles tempos, provocou uma forte enxurrada que encheu o páti-

TUDO ERA

IMPROVISADO, PARECIAMOS

CIGANOS, MAS

FORAM ESTAS

DIFICULDADES

QUE NOS UNIRAM

E CRIARAM LAÇOS

DE GRANDE

FRATERNIDADE

ENTRE AS PESSOAS

QUE VIVIAM EM

BRASILIA

NAQUELA ÉPOCA

”

República.

Os apartamentos que ficaram prontos primeiro foram entregues para os parlamentares e o grupo, indignado, informou ao Palácio da Alvorada. O presidente, irritado, pediu que os médicos fossem encaminhados para outras cidades, como Curitiba, onde havia um hospital (Hospital Distrital (Hos- pital de Base) também foram instalados nos apartamentos). Já havia famílias imensas vindo nestas quinquenas. Isto gerou insatisfação na classe, Econômica Federal, as casas geminadas da avenida foram então prometidas para os professores. A greve foi interrompida, caso foi ganho, mas o grupo que encabeçou o movimento terminou sendo demiti-

O encontro aconteceu no

Palácio da Alvorada. O presidente, irritado, pediu que os médicos fossem encaminhados para outras cidades, como Curitiba, onde havia um hospital (Hospital Distrital (Hospital de Base) também foram instalados nos apartamentos). Já havia famílias imensas vindo nestas quinquenas. Isto gerou insatisfação na classe, Econômica Federal, as casas geminadas da avenida foram então prometidas para os professores. A greve foi interrompida, caso foi ganho, mas o grupo que encabeçou o movimento terminou sendo demiti-

do. "Os burocratas do ensino da época se indignaram por termos desafiado sua autoridade e nos astaram do Caseb", escreveu Naud. Com auxílio da Câmara, do Senado e do novo presidente empossado, Jamil Quadros, o grupo iniciou o processo de readmissão. Os professores continuaram morando nos apartamentos tipo JK por pouco tempo. Em abril, as chaves das casas foram entregues. Naud escolheu ocupar uma casa em frente à escola 12 de abril, local onde vive até hoje.

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Charcat, Siêla Paris Zeca e Vinícius Nader Fotos Gráfico Ary Moraes Distrito Federal. Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Brasileiro. Revisão João Lobo Diagramação Gilcau Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes Agendamentos no Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candongos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

CDF

Nome: José Santiago Naud
Idade: 73 anos
Origem: Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Professor
Esposa: Leda Maria Cardoso Naud
Filhos: Marcos Santiago e Cristóvão
Netos: Ludmila e Elisa

Raio X



Milton Ramos

Um tempo de aprendizado e desenvolvimento

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O nome deste pioneiro está ao lado de outros grandes mestres da arquitetura de Brasília. A vida de Milton Ramos está intimamente ligada à história da construção da nova capital. Foi aqui que o arquiteto encontrou espaço e inspiração para colocar em prática as técnicas aprendidas na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.

Um mês depois de se formar, em dezembro de 1958, ele chegava a Brasília a bordo do quadrimotor Viscount, de fabricação inglesa, decidido a desafiar o cerrado e construir sua carreira. “Meus colegas sempre me perguntavam se eu tinha refletido bem para trocar o Rio pelo mato”, conta Milton. A resposta era sempre a mesma: “Eu vou de qualquer jeito”.

O imenso vazio e o grande descampado deixaram o visitante um pouco desorientado e pequeno diante da grandiosidade do planalto. “Aqui era tudo plano, sem acidentes geográficos, bem diferente do Rio”, lamenta o carioca.

A familiaridade com a profissão e a aplicação das técnicas aconteceram muito rápido. Contratado lá mesmo no Rio de Janeiro para trabalhar na Peder-

Arquivo pessoal



neiras — construtora responsável por grandes obras na capital —, o candango passava o dia todo nas construções da Vila Planalto, onde projetou e executou as casas dos engenheiros que iriam erguer a cidade. “Lá, tomávamos café da manhã e almoçávamos. Famos pra casa mesmo só para dormir”, relata. Nessa época, o pioneiro morava no elegante Brasília Palace, com tudo pago pela empresa. O hotel também servia de lazer, onde se reuniam engenheiros e arquitetos para um bom bate-papo ou uma simples reunião.

Terminadas as residências da

Vila Planalto, ele se mudou para o alojamento dos solteiros, lá mesmo na Vila, ao lado de outros colegas. O projeto do alojamento, de sua autoria, era todo em madeira forrada com chapas de eucatex, do lado de dentro. Por fora, a madeira de pinho do Paraná dava um ar de rusticidade às casas. O arquiteto cuidou dos mínimos detalhes das residências. Como os operários improvisavam as refeições no próprio local de trabalho, a cozinha tinha tamanho reduzido e funcionava ao lado da sala de estar.

Nem só de trabalho viviam os pioneiros, as poucas e raras ho-

ras de lazer eram bastante aproveitadas. Para fazer a diversão dos engenheiros e arquitetos, a construtora providenciava o transporte de algumas moças de Formosa — a cidade mais próxima — para festejar as noites de São João e fazer a alegria dos solteiros dos acampamentos. Terminada a folga, o jeito era voltar à lida.

Outro importante trabalho realizado pelo pioneiro, logo na chegada, foi o do Palácio Itamaraty, projetado por Oscar Niemeyer. A elaboração do projeto executivo e os detalhes da obra são de autoria do desbravador, que

ALOJAMENTO DE SOLTEIROS NA VILA PLANALTO, QUE MILTON PROJETOU E MAIS TARDE MOROU

também é autor do projeto do Aeroporto de Confins, em Belo Horizonte.

“O trabalho era sempre muito exaustivo e não tínhamos tempo para nada”, lembra Milton, que ficava impressionado com a solidariedade entre os engenheiros. “Muitas vezes faltavam



Orlando Taurisano

A experiência no comércio da agência Volkswagen da capital

Disposição e coragem para promover o progresso da capital

Arquivo Pessoal

STELA MÁRIS ZICA

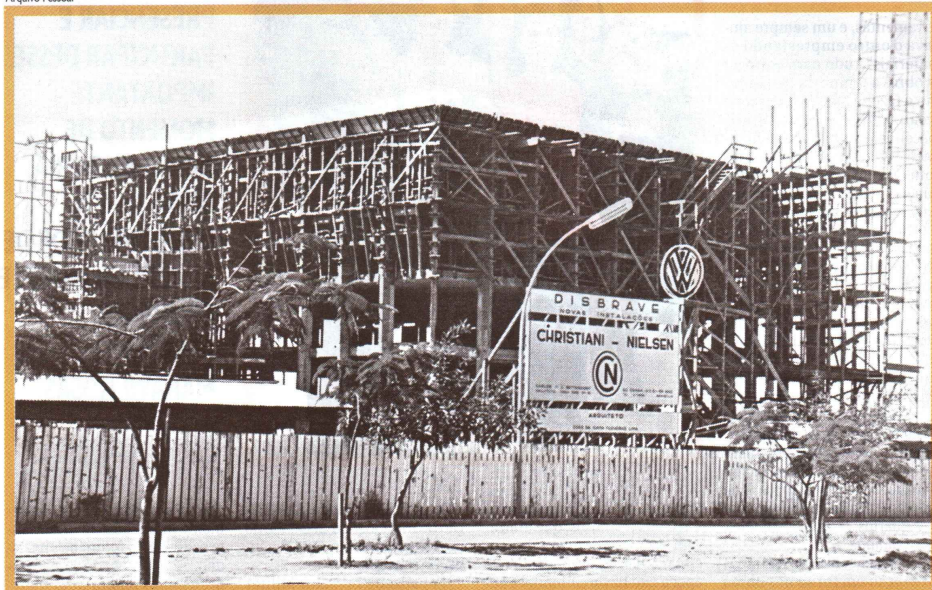
ESPECIAL PARA O CORREIO

A contribuição deste pioneiro para o desenvolvimento do comércio de veículos foi imprescindível para o crescimento da nova capital. Já nos primórdios da construção de Brasília, Orlando Vicente Antônio Taurisano lançava, de São Paulo, olhares de empreendedor sobre o cerrado, onde mais tarde iria abrir as portas de uma revenda de automóveis.

Insatisfeito com a loja de veículos da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), a única de Brasília naquela época, os proprietários ofereceram a Taurisano — que até então morava na capital paulista — uma sociedade no negócio. O comerciante, especialista em mercado automobilístico, era o dono da loja de carros importados Companhia Brasileira de Automóveis.

Era dos grandes centros produtores da época — Alemanha, Estados Unidos e Tchecoslováquia — que o empresário encomendava os Fords, Volks e Mercedes que seriam expostos nas vitrines de sua loja.

Disposto a iniciar comércio de veículos na capital federal, Taurisano fechou o negócio lá mesmo em São Paulo. Assinou toda a papelada da compra sem nunca ter pisado no cerrado, onde estava sendo construída a nova sede do governo. Assim, deu os primeiros passos para



uma grande empreitada.

Com 50% das ações da agência Volkswagen, o pioneiro trouxe na bagagem, em meados de 1959, a experiência de anos no comércio da maior cidade do país para investir na venda de kombis e fuscas — depois dos jipes, eram os mais usados pelos moradores.

As idas e vindas do visitante a Brasília — ele chegava à capital sempre às terças e voltava às sextas-feiras para São Paulo — o poupavam da vida dura e áspera do cerrado. “A vida aqui era muito ríspida, e como eu viajava

muito para São Paulo e Europa, não sentia tanto. A região era quase um faroeste, só faltavam os revólveres na cintura”, lembra o pioneiro, que morou durante dois anos no Brasília Palace Hotel. Por causa do modo de vida dos habitantes e da falta de estrutura da cidade, ele viu muitos casais se separarem. “Tudo aqui era diferente de São Paulo, mas ao mesmo tempo era engraçado ver aquele movimento dos candangos trabalhando. Aquilo era inédito”.

Seis meses após a chegada,

Taurisano adquiriu o restante das ações da Disbrave — Distribuidora Brasília de Veículos —, passando de sócio a proprietário da empresa. Aos poucos, o pequeno barracão de madeira, onde funcionava a loja de veículos na Cidade Livre, ganhava porte de uma grande agência.

Com o crescimento da população e da procura pelo meio de transporte, as encomendas eram feitas com maior frequência. A chegada das grandes *cegonhas* ao planalto era uma novidade. Os carros vinham diretos

O PRÉDIO DA DISBRAVE FOI UM DOS PRIMEIROS CONSTRUÍDOS NA W3 NORTE

da fábrica de São Bernardo do Campo pelas empoiradas estradas de Brasília.

O modo de vida provinciano do início da construção estava

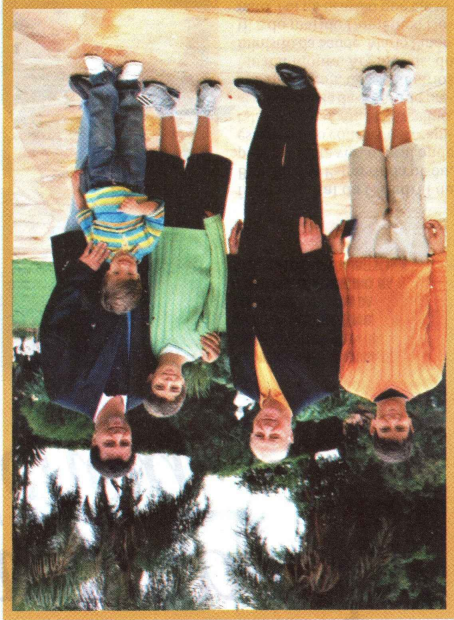
Raio X

Nome: Orlando Vicente Antônio
Taurisano
Idade: 82 anos
Origem: São Paulo
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Emprestário
Espôsa: Ruth Taurisano
Filho: Carlos Alberto
Netos: Carlos Alberto, Carlos Eduardo, Pedro Paulo e Ana Carolina

havia prometido ao prefeito (Plínio Catahede) que, onde fosse, lá seria uma das melhores e mais promissoras áreas da cidade", garantiu o emprestário. Hoje, a W3 Norte nem se compara à antiga avenida à beira do cerrado. De descarta empoeirada, aos poucos ganhou movimento e a simpatia dos primeiros comerciantes.

Mesmo atuando no comércio, era com os deputados e o alto escalão do governo que ele tinha mais contato, quando não era no Brasil. Plácea, onde se costumavam reunir para um jantar ou uma reunião, era lá mesmo nos ministérios. Num desses dias, quando ia para o trabalho e se deparou com o inusitado. "De repente, vi a rodoviária cercada de tanques. Era o golpe", lembra Taurisano.

Um dos motivos que também o atraiu para Planalto foi a facilidade de acesso às autoridades do governo. "Eu conseguia falar com os deputados no com o presidente com a mesma facilidade que falava com um operário. "Eu falava com a República inteira. Sul e Norte eram separadas, não existia ainda o viaduto que hoje faz a ligação", lembra o pioneiro, orgulhoso e satisfeito com o projeto. "Como o crescimento da população e do comércio os outros diminuíram, mas fizeram a manutenção a uma velocidade de 15 mil metros por todos os lados. O ato de coragem do pioneiro fez crescer o comércio na região com a chegada de outros pioneiros. "Eu



TAURISANO NÃO SE ARREPENDE DA MUDANÇA PARA A CAPITAL, ONDE CRIOU FILHOS E NETOS

PARA COMPRAR O LEITE, O PÃO E OUTRAS PEQUENAS NECESSIDADES DOMÉSTICAS, OS FREGUESES ASSINAVAM UM CADERNINHO COM O NOME E O ENDEREÇO DO ACAMPAMENTO

presente também nas transações comerciais. Tudo à base da confiança e da confiança de um no outro. "Para comprar o leite, o pão ou outras pequenas necessidades domésticas, os fregueses assinavam um caderninho com o nome e o endereço do acampamento", conta. "Eles pagavam dinheiro, pois não tinham onde gastar o dinheiro na cidade. No final do mês, quando recebiam

O comércio de veículos
O primeiro cliente da capital, ele construiu a firma de material de construção da Cidade Livre — Antônio de Paula Arruda Campos —, que adquiriu a primeira Kombi para transporte dos materiais. Taurisano conta que, naquela época, era mais fácil adquirir um carro, pois "a Caixa Econômica financiava a compra para todo mundo, de operário a deputado, em prestações que duravam até três anos".

No Núcleo Bandeirante era proibido, o emprestário resolveu mudar para o Plano Piloto, na 511 Sul. Um ano depois, se mudou novamente, desta vez para a 503 Norte, que se resumia apenas a W3 e W4. "Nessa época as W3 e W4 eram separadas, não existia ainda o viaduto que hoje faz a ligação", lembra o pioneiro, orgulhoso e satisfeito com o projeto. "Como o crescimento da população e do comércio os outros diminuíram, mas fizeram a manutenção a uma velocidade de 15 mil metros por todos os lados. O ato de coragem do pioneiro fez crescer o comércio na região com a chegada de outros pioneiros. "Eu

Os veículos trouxe o pioneiro de São Paulo para Brasília. Aqui, foi sócio da primeira firma, já dono do negócio, um dos primeiros comerciantes a ocupar a W3 Norte

PIONEIROS



Palmerinda Donato

Apoio desde a campanha de JK à Presidência

Arquivo pessoal



PALMERINDA FICOU AMIGA DE SARAH KUBITSCHKEK EM UM SALÃO DE BELEZA NO RIO, DEPOIS VIROU PESSOA DA CONFIANÇA DE JUSCELINO. NA FOTO COM O CASAL KUBITSCHKEK

STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

O trabalho da pioneira em prol da construção da nova capital começou em meados da década de 50, antes da chegada de muitos desbravadores ao Planalto, durante a campanha de Juscelino Kubitschek à Presidência da República, no Rio de Janeiro.

Depois de ler e conhecer a vida do então candidato à Presidência na maior revista em circulação da época — *O Cruzeiro* —, Palmerinda Donato descobriu o carisma e a sua afeição por JK e a família. Foi no salão de beleza que ficava ao lado do café, de propriedade do então marido Domênico Donato, que ela conheceu a sua maior amiga e companheira de luta: *Madame Kubitschek*. A amizade entre elas levaria a farmacêutica a subir nos palanques durante a campanha eleitoral, a proferir emocionantes discursos em favor de Juscelino e, mais tarde, a ser nomeada para um dos mais importantes cargos do governo JK, em Brasília.

Com a vitória brilhante do “homem de três emes” — mineiro, médico e macho (como JK se intitulava, no sentido de que sua palavra era uma promessa) —, Palmerinda faria a sua primeira viagem a Brasília.

“Juscelino era assim mesmo. Se promettesse levar um doce para você, aquilo era um compromisso. No outro dia, você

poderia esperar em casa que ele mandava entregar”, garante a pioneira.

Foi no lançamento da pedra

fundamental da Catedral de Brasília que Palmerinda pisou, pela primeira vez, o local onde estava sendo construída a capital. Veio, a convite de Juscelino, acompanhada da esposa do presidente, Sarah, dos secretários Moacir Moura, Ary Moraes, do ministro da Saúde, Mário Pinotti, e do marido Domênico Donato. Foi na ocasião que ela viveu uma das cenas mais cômicas desde a sua chegada. “Eu estava saindo do carro, vestida a caráter e usando sapatos de camurça (da última moda) quando pisei de uma vez só naquela lama e meu sapato ficou preso. Minha sorte foi que havia trazido outro par, senão teria ficado descalça”, lembra a visitante.

A cena ficou marcada na memória da ex-presidente do Comitê de Campanha de Juscelino, que presenciava uma das mais belas cerimônias da época. O contraste de toda aquela pompa, do aparato religioso na presença de padres, bispos e das próprias autoridades, todas vestidas elegantemente, com a aspereza do cerrado, a impressionou. “A minha sensação diante daquele imenso vazio era de incredulidade, ninguém podia acreditar que Juscelino iria construir uma cidade desse porte naquele lugar”, declara Palmerinda.

A segunda visita à capital, an-

tes de inauguração, aconteceu em fevereiro de 1960, quando acompanhou a chegada das caravanas de integração nacional dos primeiros carros produzidos no país “a pedido de JK”. A data histórica ganhou um parágrafo no livro *Juscelino Kubitschek, o Brasileiro do Século XX*, lançado pela pioneira no ano passado. “Automóveis, jipes e caminhões, os primeiros fabricados no Brasil, saíam em colunas do Norte, Sul, Leste e Oeste, num total de 200 veículos, e iriam se encontrar em Brasília no dia 2 de fevereiro de 1960. A coluna Leste partiu da frente do Palácio do Catete (com as bênçãos do presidente). Eu estava lá, a convite de dona Sarah. Ficamos todos juntos, na pequena sacada, assistindo ao momento histórico”, descreve a autora, que presenciou também a chegada da caravana ao cerrado.

O trabalho e os anos de luta de Palmerinda ao lado da família Kubitschek a levaram a ocupar, em meados de 1957, o disputado cargo de “conferente” do Ministério da Fazenda, a convite do próprio presidente.

A vinda em definitivo para Brasília aconteceu em março de 1960, poucos dias antes da inauguração. “A adaptação que penso. Acho que quem ficou aqui foi por amor a JK, a dona Sarah, pelo ideal de construção da cidade e por amor ao Brasil”, garante a

Amizade com a família Kubitschek precede a construção de Brasília. Pessoa da confiança de JK, Palmirinda mudou-se para a nova capital em 1960

PALMERINDA VIEIRO PARA A CIDADE COM A CONFIANÇA DE JK. AQUI, VIROU UMA BRASILENSE DE CORAÇÃO



Cidadã Honorária do Lago Norte, "uma diversão das pessoas daquela época era o aceptorito, que chamávamos de 'caixinha de madeira', para onde íamos levar ou buscar as pessoas."

O impacto na chegada foi muito grande, pois a maioria dos pioneiros vinha de outras cidades e até das capitais. "Não tinhamos conforto nenhum aqui. Foi muito chocante", afirma a pioneira, que chegou a morar na casa da professora Maria Aldina Silveira Furtado, então diretora do ginásio do Setor Oeste.

Tristes recordações

Assim como nos momentos de maior alegria em que ela esteve presente, na vitória das eleições e na inauguração da nova capital, a presidente da pioneiragem também soube dividir como o povo brasileiro um dos momentos mais tristes da história do país: o golpe de 64 e o exílio de Juscelino. "Os amigos não saíram do seu lado [de JK]. Era impossível deixá-lo naquela época", conta a mais sentida de 200 vezes, com grande honra e emagacamento, "O dono do Hotel Alvorada. Nasceria na vila de Anra, no município de Sapucaia, no Rio de Janeiro, Palmirinda se autodefiniu uma "pré-pioneira", porque "se não tivesse apoiado, não ficaria estampada nas cartas em uma amizade cruzou o oceano e descreveu a escritora."

A amizade cruzou o oceano e descreveu a escritora. "Como ele próprio escreveu em maio daquele mesmo ano de seu exílio em Paris. "Não posso, mas não deixei de escrever", escreveu Juscelino a vovó, talvez Brasil não existisse".

O resultado de anos de trabalho e de conviência ao lado do

A ADAPTAÇÃO FOI PENOSA. ACHO AMOR A JK, A D. AQUI FOI POR QUE QUEM FICOU AMOR A JK, A D. SARAH, PELO IDEAL DE CONSTRUÇÃO DA CIDADE E POR AMOR AO BRASIL

presidente a levaram a escrever o livro *JK, o Homem das Três Faces*, que traz depoimentos de amigos como o pioneiro Afonso Heliodoro dos Santos e do ex-ministro Aluísio Napoleão.

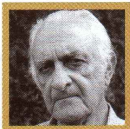
Agora também dos livros *Tránsito de Fozos e Eu* e *Elas* — este prefaciado por Sarah Kubitschek, Palmirinda, hoje aposentada, pelo Ministério da Fazenda, se dedica à cultura de Brasília. A jornalista, que foi secretária-geral, vice-presidente e presidente da Academia de Letras e de Música do Brasil, também fundou a Academia Internacional (divorciados) de Cultura (AIC), onde exerce o cargo de presidente.

Aos 72 anos de idade, a pioneira coleciona em sua casa vários diplomas e medalhas, além do merecido Troféu Mulher de Vanguarda, concedido pela Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais do Distrito Federal.

Raio X

Nome: Palmirinda Vidal Donato
Idade: 72 anos
Origem: Sapucaia, Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1957 (em definitivo no ano de 1960)
Profissão: Escritora e funcionária pública aposentada
Esposo: Domélio Donato (divorciados)
Filho: Marco Vidal Donato (músico-impianista da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro)
Netos: Carolina, Lucas e Mathews

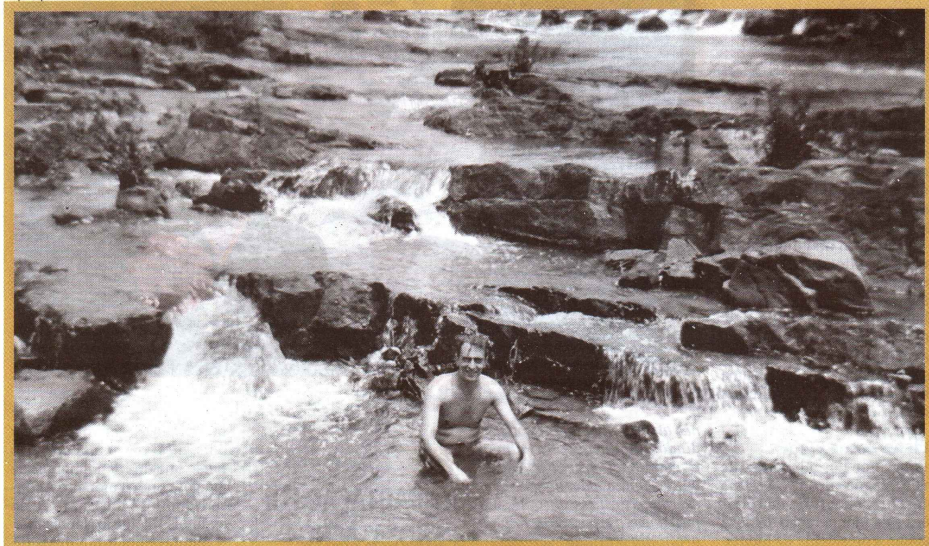
PIONEIROS



Sérgio Lopes Guimarães

Sem arrependimento de trocar São Paulo por Brasília

Arquivo pessoal



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A imprensa paulista noticiava com destaque que seria aberta a primeira licitação pública de Brasília. Cidade que, em 1957, estava sendo construída para ser a capital do Brasil. Os olhos do recém-formado engenheiro Sérgio Lopes Guimarães logo vislumbraram a possibilidade de ele e seu sócio virem fazer parte dessa aventura. Eles queriam concorrer à licitação para construir 25 casas de alvenaria, que seriam destinadas aos engenheiros da nova capital. Dessa forma, Sérgio veio parar em Brasília alguns meses depois, ainda no ano de 1957, deixando em São Paulo, em um primeiro momento, a esposa, Albertina, com quem havia se casado há menos de seis meses. Aqui o casal criou seus três filhos — Ricardo, Roberto e Luciana — e daqui não saiu nunca mais.

O primeiro fator a desencadear tanta certeza no jovem engenheiro foi a possibilidade de um futuro promissor por aqui. “Minha carreira em São Paulo não estava consolidada e eu trabalhava fiscalizando obras, mas gostava mesmo era da área civil da minha profissão. Por outro lado, esse era justamente o ramo que mais prometia crescer, já que se falavam em muitas licitações”, explica Sérgio. Aquela licitação, ele perdeu. Mas, segundo o próprio engenheiro

conta, “o que perdemos com a licitação, ganhamos em entusiasmo para ficar”. O problema foi que, ao contrário do que imaginava Sérgio Guimarães, as licitações não foram tão frequentes assim e, quando abertas, as obras licitadas eram as menores. “As grandes obras eram distribuídas politicamente e eu não fazia parte do grupo mineiro protegido por Juscelino”, afirma.

Mesmo assim, Sérgio Guimarães não desistiu e acabou sendo “obrigado” a envolver-se pela iniciativa privada. O primeiro convite não demorou muito. Foi para ser fiscal das obras da Direto-

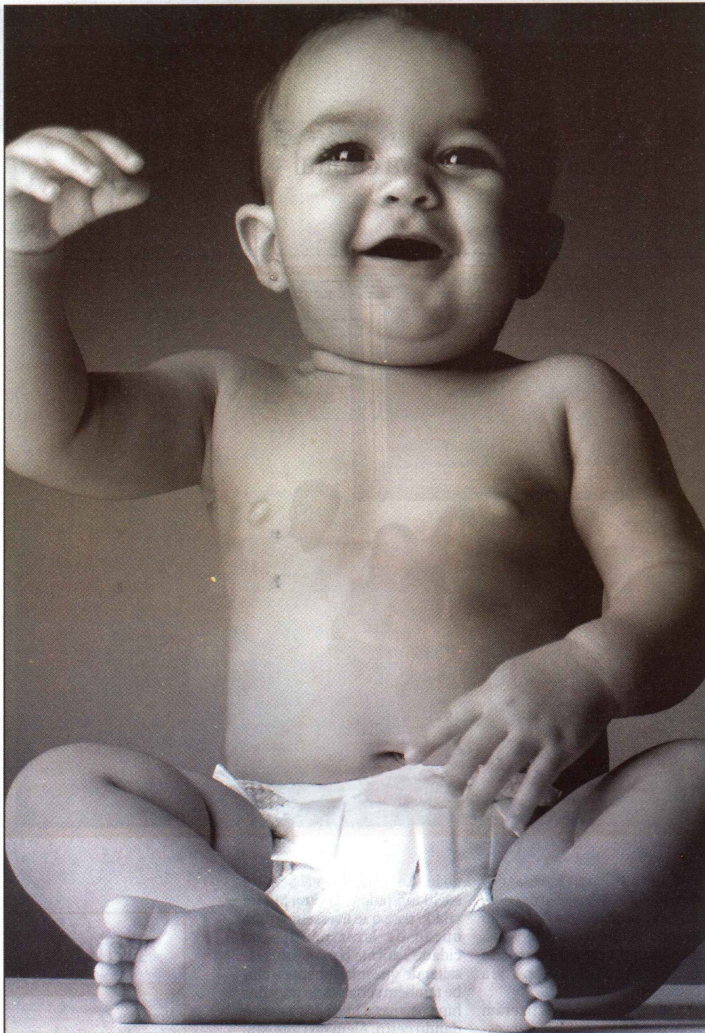
ria de Rotas Aéreas do aeroporto, uma espécie de casa das máquinas do local. Muitas terraplanagens depois, Sérgio tomou parte da equipe que construiu a capela do cemitério Campo da Esperança, do edifício sede do Banco Central, do conjunto Baracat e também do primeiro SMUV — Supermercado Unidade Vizinhança —, localizado entre as quadras 308 e 309 Sul. A construção não era de um supermercado com as dimensões que conhecemos hoje, mas também não era uma vendinha, chegando a uma extensão de quase 300 metros quadrados. O problema

maior era o prazo que havia para a construção ser entregue: 90 dias. “Os prazos da cidade eram todos assim, loucos. Sempre achávamos que não ia dar tempo, mas com a ajuda de todo mundo, do empreiteiro ao fiscal da obra, na maioria das vezes o prazo era cumprido”, lembra Sérgio, orgulhando-se de ter sido o responsável pela primeira grande obra entregue antes da inauguração: a estação transmissora da Rádio Nacional em Brasília.

Como se não bastassem os apertados prazos de entrega, os construtores da cidade ainda tinham que contar com impre-

SÉRGIO RELAXAVA, SEMPRE QUE PODIA, NA CACHOEIRA QUE FICAVA ONDE HOJE É A BARRAGEM DO PARANOÁ

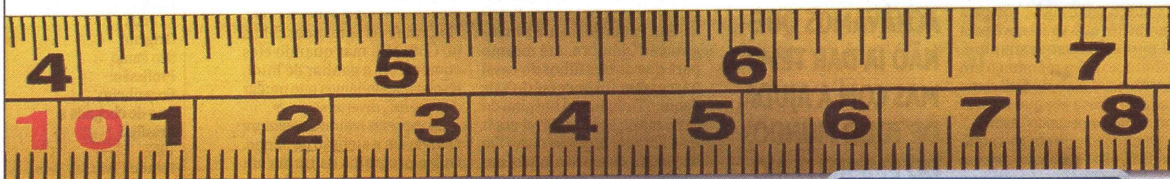
vistos e com algumas mudanças de última hora nos projetos a serem executados. Com Sérgio Guimarães não poderia ser diferente. A construção do SMUV 1, por exemplo, quase não ficou pronta a tempo por causa de uma interferência de Israel Pinheiro, faltando apenas três dias para a inauguração. Não foi uma pequena mudança.



OLHANDO ESSAS BOCHECHAS, VOCÊ DIZ QUE A LUIZA JÁ FOI DESNUTRIDA?

INCENTIVO
AO COMBATE ÀS
CARÊNCIAS
NUTRICIONAIS.

LEITE E ÓLEO PARA
CRIANÇAS DE 12 A 59 MESES
EM RISCO NUTRICIONAL.



É difícil acreditar, mas há pouco tempo a Luiza era uma criança com problemas de nutrição. Em vez das dobrinhas e das bochechas coradas, ela era quase só pele e osso. A salvação veio com o **Incentivo ao Combate às Carências Nutricionais**. Um programa do GDF que distribui leite e óleo para as famílias de

baixa renda com crianças de 12 a 59 meses que estão em situação de risco nutricional. No último ano, 5.191 crianças foram beneficiadas. A Luiza foi uma delas. Hoje, ela está bem e tem tudo para crescer forte e sadia. Basta olhar sua foto aí em cima para medir o tamanho do sucesso desta iniciativa.

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL